

MEIO EDUCACIONAL

O bullying e as violências no espaço escolar

Foto: Freepik

Este escrito busca pensar um tema que tem sido muito falado nos últimos anos: o *bullying*. Ao lado dele, aborda também as violências no espaço escolar, a partir do referencial da psicanálise.

A palavra *bullying* tem sido muito difundida nos últimos anos e passou a fazer parte do nosso vocabulário cotidiano em um passado relativamente recente. Há algumas décadas, praticamente não se escutava esse termo. Será que, assim como a palavra, o *bullying* é um fenômeno novo ou só é algo antigo que mudou de nome?

Ainda que a palavra *bullying* tenha sido difundida recentemente, o fenômeno que ela descreve não é tão novo assim. Ao contrário, como afirma Flesler (2024), enquanto o *bullying* é um nome moderno, o maltrato de uma criança a outra é tão antigo quanto a própria humanidade. E, ainda que se trate de um fenômeno antigo, importa pensar por que, nos últimos anos, passou a ganhar essa designação e a ser tão difundido. Talvez exista algo em nossa cultura, na forma de viver atual, que se associe à potencialização do fenômeno.

O que é o *bullying*?

Detenhamos nossa reflexão, por um instante, sobre a palavra *bullying*. Ela tem origem na língua inglesa e pode ser decomposta, destacando sua raiz, *bull*, que significa touro, figura animal que se associa à força e à violência. Já o verbo *to bully* significa intimidar que, em *bullying*, vem seguido do sufixo *ing*, o qual determina o gerúndio. Ou seja, trata-se de uma ação contí-

Gerson
Smiech
Pinho

Psicanalista e
psicólogo,
membro da
APPOA e do
Centro Lydia
Coriat.

nua, que ocorre de maneira sistemática, sem interrupção. Isso dá mostras de que o *bullying* é uma forma de intimidação, uma coerção, que acontece continuamente, ao longo do tempo. Desse modo, pode-se destacar algumas características específicas do *bullying*.

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (Mees, 2011, p. 128). Como refere a autora citada, existem várias formas de agressão que podem trazer consigo tais características — agressão física (corporal), agressão verbal (apelidos, insultos e provocações), agressão psicológica (exclusão de um grupo) ou virtual (*cyberbullying*, com mensagens ofensivas ou exposição nas redes, por exemplo).

A faixa etária em que o *bullying* mais está presente corresponde ao final da infância e início da adolescência, quando a construção da imagem do *Eu*

O *bullying* ocorre com maior frequência no final da infância e início da adolescência, quando a construção do *Eu* está em transformação

está em processo de transformação. É época em que se está deixando uma imagem de si referida à infância para elaborar outra, em direção à adolescência e à vida adulta. Por essa razão, as agressões sofridas nesse momento tão sensível da existência podem produzir marcas e efeitos importantes, os quais têm possibilidade de persistir ao longo da vida.

Violência e pulsão

Retomemos a associação com a violência animal presente na raiz do termo *bullying*, mencionada anteriormente. Ainda que essa referência esteja presente na significação da palavra, a violência humana é muito distinta da violência animal. Como afirma Flesler (2024), enquanto as outras espécies do reino animal agem orientadas pelo instinto, o sujeito humano não conta com um guia instintual para comandar suas ações, pelo menos não em sua parte mais significativa.

Por esse motivo, Sigmund Freud (1905), o criador da psicanálise, propôs uma palavra diferente do instinto para falar do ser humano e introduziu o conceito de pulsão. Enquanto o instinto dos animais tem um modo fixo de operar, predeterminado biologicamente, a pulsão dos humanos é uma força que parte do corpo, mas cuja direção, inicialmente, não está predeterminada geneticamente. A pulsão encontra seu direcionamento não exclusivamente na genética da espécie, mas é construída, na infância, na relação com outros

humanos. Para uma criança, são os adultos que fornecem as referências necessárias para organizar e direcionar a energia pulsional, inicialmente no âmbito da família, depois da escola e do espaço social mais amplo.

Assim, a pulsão não tem objeto nem finalidade prefixados. Sua determinação depende daquilo que é transmitido inconscientemente pelos adultos à criança desde o nascimento. A pulsão é uma força constante, que não se satisfaz de forma completa. Por essa razão, tem um caráter insaciável. Dessa maneira, quando a pulsão não encontra limites, pode levar a uma violência que não é natural, mas cruel. A escritora Clarice Lispector, na última entrevista que concedeu em vida, em 1977, fez um comentário a respeito de sua crônica intitulada “Mineirinho”, escrita em 1962. Ao ser questionada pelo entrevistador sobre seu trabalho predileto, ela respondeu: “Uma coisa que escrevi sobre um bandido, um criminoso chamado Mineirinho, que morreu com 13 balas quando uma só bastava. E que era devoto de São Jorge e tinha uma namorada”.

Tratava-se de uma crônica produzida a partir de um evento: o assassinato, pela polícia, de um criminoso chamado Mineirinho. E ela acrescentou: “Qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava; o resto era vontade de matar. Era prepotência”. Nessa entrevista, Clarice confessa ter sentido uma “revolta enorme” ao lembrar que Mineirinho foi baleado treze vezes. A sequência dos treze tiros escancarou uma violência exacerbada, revelando uma crueldade injustificada. Como disse ela, “... uma bala bastava, o resto era vontade de matar, era prepotência”.

Ao comentar o escrito de Clarice Lispector, Breda (2017) afirma que:

A crônica aborda o excesso: os treze tiros que mataram Mineirinho quando um só bastava. Remete a esse pulsional que é excessivo em si

— que é desligado, solto, que transborda e jamais se satisfaz. Há, no assassinato, uma transposição de limites, o avanço da pulsão sobre terreno



interditado pelo Outro. Há a queda do Outro, da lei, esse muro simbólico — que regula as fronteiras que instituem a possibilidade de viver “em vizinhança”. (p. 128)

O instinto animal tem regras bem estabelecidas: o comportamento agressivo tem limites predeterminados e é utilizado para se defender, para se alimentar, para proteger o território. Os humanos não têm o instinto como guia. Contam com a pulsão — que não tem um objeto fixo, é imprevisível, busca satisfação imediata e ilimitada.

A pulsão depende das regras e referências que vêm de outros humanos,

da cultura e do entorno social, a começar pela família. Por isso, quando a pulsão se junta à ausência de limites, aparece a violência que, apesar da aparência, é muito diferente da animal. Trata-se de uma violência que não tem determinação fixa, como no instinto, mas que também é capaz de ser muito cruel. Assim, ainda que a palavra *bullying* traga em sua raiz a figura de um animal, trata-se de uma violência humana e, por esse motivo, só pode encontrar mediação a partir de outros referentes humanos (Flesler, 2024).

O *bullying* é uma violência tipicamente humana e, por esse motivo, só pode encontrar mediação a partir de outros referentes humanos

As fontes da violência

Para pensar no que consiste essa mediação, importa distinguir quais são as fontes da violência humana. Segundo Flesler (2024), elas são em número de três.

Conforme essa autora, em primeiro lugar, temos as violências pulsionais — são os impulsos e apetites sem freio, o imediatismo, o famoso 'quero agora'. Se aquilo que se quer não é atendido imediatamente, irrompe a agressividade. A pulsão sempre pede mais e mais, pois não dispõe de um freio natural. Se a “lei” da pulsão exige uma satisfação ilimitada, é necessário introduzir uma forma de lei diferente dessa que permita situar um limite. Uma lei que proponha alternativas à tirania pulsional; que possa dizer “isso não”, sustentando para a criança que nem tudo se pode ter. Situar algum freio à satisfação pulsional ilimitada possibilita suportar a falta, a frustração, tolerar o erro e o equívoco.

No território em que reina o gozo pulsional, a violência é a lei. E a cultura pode ser promotora de um discurso que confirma as razões dessa violência, quando propõe consumos desenfreados, satisfações sem restrições. O desejo humano, e a capacidade de orientá-lo, requer a inscrição de um limite, o que também leva à constituição de um ideal. Ou seja, se me falta algo, crio



Foto: Freepik

um certo ideal daquilo que poderia vir a me satisfazer. Um ideal no horizonte do sujeito, que orienta o seu desejo.

Aqui, novamente, é importante ser um ideal que admite um limite. Porque, quando um ideal se propõe como infalível e como um dogma inquestionável, novamente aparece a violência. Quando um ideal político ou religioso se fecha sobre si mesmo, sem nenhuma brecha para ser questionado, tudo o que fica fora dessa “bolha” corre o risco de ser alvo de violência. Posição nada estranha aos nossos tempos. Todos os fundamentalismos se nutrem de ideais que não admitem ser interrogados. Desse modo, de acordo com Flesler (2024), ao lado das violências dos excessos pulsionais — temos esta segunda forma de violência que vem dos mandatos rígidos, dos ideais inquestionáveis, da intolerância com a diferença.

Narcisismo e violência

E, em terceiro lugar, temos as violências narcísicas. O termo narcisismo, em psicanálise, diz respeito ao investimento que fazemos em nosso próprio *Eu*. A tensão agressiva que caracteriza o *Eu* desencadeia também violências importantes, as quais aparecem nas disputas de lugar, na agressividade por causa da rivalidade ou da competição.

Um exemplo visível, em escala menor, dessa forma de tensão agressiva está presente em uma cena absolutamente corriqueira – a implicância entre irmãos. Nesse tipo de situação, geralmente temos uma via de mão dupla: cada um provoca o outro, há uma provocação mútua. Essa “brincadeira” de implicar, mesmo que pareça ser algo só entre os irmãos, sempre aponta para os pais. É como se os irmãos estivessem perguntando: “Quem vocês preferem?”, “Quem é o escolhido?”, ou ainda “Vocês me reconhecem, me amam?”. O olhar dos pais — esse “terceiro” para quem a cena se dirige — é decisivo para como a situação se desenrola. Como afirma Mees (2011), a entrada deste lugar de alteridade, simbolizado pelas figuras parentais, corta a lógica de uma escolha binária (“ou eu ou ele”) e ajuda cada um a encontrar

um lugar próprio, ligado ao seu desejo singular. A rivalidade só se torna produtiva quando não se trata mais de excluir um ou o outro, mas de cada um ter o seu lugar, sem que isso precise ser à custa do irmão.

Na escola, muitas vezes, a implicância entre colegas funciona do mesmo jeito: quem é o preferido? Quem ganha o reconhecimento do professor, ou de um grupo? Mas quando essa dinâmica se rompe, quando já não há mais mediação e a violência tem um fim em si, o que aparece é o *bullying*: agressões, humilhações, violência que não abre espaço para simbolizar nada. Nesse ponto, deixa de ser brincadeira e vira ferida.

Assim, Flesler (2024) destaca três formas de violência: aquela que tem a ver com os excessos pulsionais; outra que tem relação com os ideais fundamentalistas; uma terceira que tem a ver com o narcisismo e a rivalidade entre pares. Ainda que cada uma dessas violências funcione de um jeito diferente, a partir de uma lógica específica, todas elas podem se manifestar no *bullying*.

No *bullying*,
agressões,
humilhações e
violência não abrem
espaço para o
simbólico. Nesse
ponto, deixa de ser
brincadeira e
vira ferida

O *bullying*, os pais, a escola

Em meio a essas diferentes formas de violência, os adultos que se ocupam da criança funcionam como um ponto de referência a partir do qual podemos nos orientar. Encarregam-se de introduzir limites, organizar referências, dar direção às crianças e aos jovens. Como indica Flesler (2024), não se trata de ser autoritário, mas, sim, ser uma autoridade confiável. Ser autoritário, inclusive, implica o contrário, pois leva à ruptura de limites, ao uso da força e da agressividade para impor uma regra. O autoritarismo surge no momento em que o valor da palavra falha e que o adulto, por se sentir impotente diante da criança, precisa fazer uso da força.

Ser uma autoridade implica, ao contrário, em fazer uso da palavra de modo que ela possa ser levada em conta pela criança. Trata-se de colocar em ato palavras coerentes, que possam dar segurança à criança. E isso só pode acontecer em um laço amoroso, uma relação de afeto e de confiança.

Flesler (2024) enumera algumas coisas que podem ser feitas nas situações de *bullying*. A primeira delas é romper o silêncio. É necessário que os adultos intervenham e que possam falar abertamente da violência que costuma ficar nos bastidores. Com frequência, a criança ou adolescente não conta diretamente que sofre *bullying*, mas dá sinais. O silêncio protege e sustenta a violência, em uma certa condição de cumplicidade. Pais, professores, orientadores, todos os adultos têm um papel fundamental aqui: estar abertos a escutar sem minimizar a situação.

Em segundo lugar, importa restaurar a parceria entre família e escola. Se essa parceria não estiver afinada, muitas vezes, pode-se produzir uma relação marcada por desconfiança e transferência de culpa. Nessas situações, não se trata de culpabilizar nem a família nem a escola, mas compartilhar, entre ambas, a implicação necessária e a responsabilidade para lidar com a situação.

Em terceiro lugar, é importante revalorizar a dimensão da autoridade, sem confundir autoridade com autoritarismo. Importa sustentar a autoridade com firmeza e escuta, que se consiga dizer 'não' quando preciso, mas também abrir espaço para a fala. O *bullying* pode deixar marcas profundas, de ansiedade, depressão, dificuldades de aprendizagem, isolamento social e, em casos extremos, até tentativas de suicídio.

Vale lembrar também que tanto quem hostiliza quanto quem é hostilizado precisam de atenção. Não só quem sofre, mas também quem pratica o *bullying* está em risco, em uma condição de fragilidade subjetiva. O agressor reproduz padrões de violência, tem dificuldades de empatia e corre o risco de levar esse tipo de comportamento para a vida adulta.

O *bullying* é uma das formas de violência humana, mas que escancara quando os recursos simbólicos — as palavras, os limites, as referências — estão falhando. Entender isso permite não cair no erro de achar que é só um problema de comportamento, quando, na verdade, é uma questão que envolve a relação com o outro, com a alteridade, e como lidamos com a diferença.

Uma escola, como um todo, e uma sala de aula, em particular, são microcosmos do conjunto social. O que acontece nesses espaços reflete, em muito, o que ocorre na sociedade. O sucesso, o prestígio e a produção são valores que atravessam a forma como vivemos as relações sociais hoje. É nesse ponto que o *bullying* entra em cena, porque ele denuncia justamente essas relações de prestígio, sucesso e valor. Dentro da escola, aparecem figuras

Foto: Teksomolika / Freepik



muito marcadas: o popular, o nerd, o *loser*, a “patricinha”, rótulos que criam lugares imaginários de sucesso ou de fracasso. Como afirma Mees (2011), o valentão — o famoso *bully* — é outra dessas figuras.

A ideia de uma escola inclusiva tem muito a oferecer na direção de poder lidar com as situações de violência e exclusão. Em uma escola que se proponha efetivamente como inclusiva, são tecidas relações e modos de cuidado com o outro, bem como possibilidades de respeito às diferenças e à diversidade. Em uma sociedade desigual como a nossa, em que a exclusão está presente em diferentes níveis, a reflexão sobre os processos de inclusão e de não segregação na escola é uma peça-chave em direção a uma sociedade menos excludente e menos violenta. O desafio da educação inclusiva é produzir novas formas de pensamento e de convívio para transpor nossa própria resistência à diversidade no que diz respeito à existência humana. Isso implica reconhecer que a agressividade e a violência são formas do humano, as quais estão presentes em todos nós.

Referências

BREDA, Fernanda Pereira. Boas cercas fazem bons vizinhos. **Mal-estar em tempos sombrios**, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, nº 51/52, p. 123-137, jul. 2016/jun. 2017.

FLESLER, Alba. **Crianças e adolescentes frente ao real de nosso tempo**. Novo Hamburgo: Editora Discurso, 2024.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.[1905]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 6.

MEES, Lucia Alves. Implicância ou *bullying*? **O infantil na psicanálise**, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, nº 40, p. 119-132, jan-jun. 2011.



sinprors.org.br/textual



/SinproRS



/SinproRS



/SinproRS



/SinproRS

expediente

A Textual Virtual é uma publicação do Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS. Avenida João Pessoa, 919 – Porto Alegre RS – CEP 90.040-000. Fones: (51) 4009.2900 – (51) 4009.2980. www.sinprors.org.br/textual – textual@sinprors.org.br. **Coordenação-Geral** | Valéria Ochoa | valeria.ochoa@sinprors.org.br. **Edição Executiva** | César Fraga | cesar.fraga@sinprors.org.br. **Conselho Editorial** | Fernanda Acosta Funchal, Marcos Paulo Tonial, Cristiane Antônia Hauschild Johann, Marcos Júlio Fuhr, Rodrigo Perla Martins, Beatriz Sallet, Evandro Ribeiro Rosso, Honor de Almeida Neto, Josiane Abrunhosa da Silva Ulrich, Jean Mauro Menuzzi e Victor Hugo Tabarez Santana. **Revisão** | Press Revisão. **Projeto Gráfico, Edição Gráfica e Editoração** | Rogério Nolasco Souza.